

SELVAGENS, PRIMITIVOS, EXÓTICOS E GUARDIÕES: COMO A *NATIONAL GEOGRAPHIC* NOS EDUCA SOBRE OS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS?¹

Jônatas Sgarzi Coimbra Silva², Ana Paula Nunes Chaves³

¹ Vinculado ao projeto “O poder das imagens e suas geografias: uma análise da pedagogização visual em discursos e narrativas sobre o espaço”

² Acadêmico do Curso de Geografia – FAED – Bolsista PIBIC/CNPq

³ Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – ana.chaves@udesc.br

O objetivo deste trabalho foi identificar e analisar as narrativas visuais associadas aos povos indígenas brasileiros pelas reportagens da revista *National Geographic*, no intuito de compreender a forma com que determinadas imaginações geográficas, acerca destes povos, são produzidas e amplamente divulgadas pela revista, bem como, o papel da revista na construção de certa cultura visual. Para tanto, foi feita uma minuciosa investigação no acervo da revista, desde o primeiro exemplar publicado em 1888, até os exemplares publicados em meados de 2020. Tal investigação se deu em três partes. Primeiro foi feito o levantamento das reportagens em que o Brasil aparece como principal tema. Depois estas reportagens, que tratavam sobre o Brasil, foram separadas de acordo com a suas temáticas em comum. Por fim, foi escolhido para ser o objeto de análise as treze reportagens cujo a temática aborda sobre os povos indígenas do Brasil.

A revista *National Geographic*, é publicada mensalmente desde 1888, mas só começou a utilizar imagens, ilustrações e fotografias, no corpo do texto a partir de 1896, de lá para cá muita coisa mudou, e hoje em dia a revista é uma das principais referência do fotojornalismo, tendo no cerne de seu conteúdo a imagem fotográfica como um dos principais elementos. Devido seu grande alcance de divulgação, as imagens propagadas por ela, de certa forma, contribuíram para a construção de narrativas e percepções acerca das paisagens e culturas dos quatro cantos da Terra. As imagens da revista além de educar visualmente sobre as geografias dos diferentes continentes, também cria e propaga determinada cultura visual.

A cultura visual e as suas narrativas possuem grande importância para a educação geográfica (DRIVER, 2013), elas nos ajudam a construir conceitos e conceber espacializações de determinado lugar, paisagem e território. É através das imagens, isto é, de qualquer representação visual (fotografias, mapas, pinturas, desenhos, vídeos, filmes, imagens de satélites, entre outros), juntamente com os nossos conhecimentos prévios e as informações que nos são dadas, que a nossa mente constrói a nossa noção de mundo (AZEVEDO, 2014). As imagens nos permitem imaginar sobre lugares distantes, culturas diversas e modos de vida distintos, lugares que nunca fomos e povos que nunca tivemos contato e, mesmo assim, de certa forma, julgamos conhecer. É por isso que as imagens possuem um papel significativo no ensino de geografia, pois elas nos educam sobre as características, tanto físicas quanto sociais, dos espaços representados por ela.

As imagens são capazes de atribuir significados sobre aquilo que se referem, porém esses significados não dependem apenas da imagem em si e do observador, mas também do contexto que às acompanham. Para Hollmann (2014), não podemos considerar o contexto de uma imagem como algo secundário no processo de construção do imaginário. Segundo a autora, é preciso levar em conta três aspectos que formam o contexto das imagens: 1) o suporte físico em que as imagens

estão inseridas, isto é, a sua materialidade que pode ser uma revista, um livro, um site, um quadro, um muro; 2) o entorno linguístico, ou seja, os elementos textuais que as acompanham, podendo ser os títulos e legendas de uma imagem, bem como um texto as complementa; e 3) a montagem, que é a composição que uma imagem faz com as demais e com o entorno linguístico. Assim, ao analisarmos a imagem e o seu contexto, podemos compreender sobre os discursos visuais que elas carregam e, também, sobre as determinadas imaginações geográficas que elas constroem.

Durante a nossa análise, percebemos que as reportagens da *National Geographic*, mencionam apenas os povos indígenas da região Norte e Centro-Oeste, sendo que os povos retratados pela revista habitam, em sua grande maioria, a floresta amazônica e, uma pequena parcela, o norte do cerrado. Vimos também, que as narrativas da revista se alteram conforme o tempo. Na década de 1920, os índios são tratados como selvagens e são comparados a animais. Na década de 1950, os aspectos culturais e tradicionais ganham espaço nas reportagens, mas ainda são chamados de primitivos, principalmente quando em comparação com o ocidente moderno. O termo primitivo só deixa de ser usado pela revista em meados da década de 1990, porém as narrativas continuam os caracterizando como exóticos. Já no século XXI, acontece uma grande mudança nas narrativas da revista, agora os povos indígenas são apresentados como os guardiões da floresta, as questões ambientais ganham tanta força que a palavra indígena praticamente vira sinônimo de preservação ambiental.

Como resultado deste trabalho, percebemos as relações de poder presentes no processo de construção das narrativas visuais da revista *National Geographic*. Os povos indígenas, no decorrer do tempo, são apresentados de diferentes formas e ângulos aos leitores, mas sempre de acordo com o interesse de cada época. Além disso, percebemos que as imagens, bem como o entorno linguístico que as acompanham, compõem um elemento fundamental na construção da identidade e da cultura desses povos. É a combinação entre a imagem e o contexto que possibilita a produção de uma imaginação geográfica que atribui, em cada época, diferentes significados aos povos indígenas brasileiros.

Palavras-chave: Cultura visual. Imaginação geográfica. Povos indígenas brasileiros.

Referências

AZEVEDO, Ana Francisca de. Cultura visual: as potencialidades da imagem na formação do imaginário espacial do mundo contemporâneo. **Geografares**, Edição Especial, p. 07-21, jan./ago., 2014.

HOLLMAN, Verónica. Los contextos de las imágenes: un itinerario metodológico para la indagación de lo visual. **Espaço e Cultura**, n. 36, p. 61-83, jul./dez., 2014.

DRIVER, Felix. Sobre a geografia como uma disciplina visual. **Espaço e Cultura**, [S.l.], p. 207-212, dez. 2013.